

O ENSINO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS SURDAS

Lyedja Syméa Ferreira Barros¹
Manoel Alves Tavares Melo²
Fábia Sousa de Sena³

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade evidenciar a importância de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para crianças surdas na aquisição da linguagem. A língua de sinais possibilita à criança surda maior rapidez e naturalidade na exposição de seus desejos, sentimentos e necessidades. O contato com a língua nos primeiros anos de vida é essencial, pois é nesse contato com outros surdos fluentes em libras que a criança surda construirá sua identidade. A maioria das crianças surdas são filhos de pais ouvintes, para estas crianças o primeiro contato com a Língua de Sinais só acontece no ambiente escolar. Para que essa criança venha se apropriar dessa língua é importante a participação da família, de professores e de profissionais intérpretes e instrutores de Libras capacitados em salas bilíngues, na sala regular e nas salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado). Desse modo, o estudo em tela está pautado numa perspectiva de Educação Bilíngue para surdos, subsidiado em estudiosos da área como: Ferreira Brito (1995); Pinker (1994); Quadros (1994; 2004), dentre outros.

Palavras-Chave: Libras. Crianças surdas. Aquisição da linguagem.

INTRODUÇÃO

A língua é o principal meio de desenvolvimento do pensamento humano. Segundo Aristóteles “A linguagem é que dá ao indivíduo a condição de humano”. Essa afirmação mostra que a relação entre o homem e o mundo só acontece através da linguagem, é ela que permite ao humano planejar suas ações, estruturar seu pensamento, registrar o que acontece e principalmente comunicar-se.

É através da linguagem que a criança percebe o mundo e constrói a sua própria concepção. A criança ouvinte tem essa possibilidade de interação na família possibilitando um bom desenvolvimento cognitivo e de conhecimento de mundo chegando à escola com um extenso vocabulário de sua língua materna.

Diferente dos ouvintes, a maioria dos surdos entra na escola sem o conhecimento proficiente da sua língua materna, tendo em vista que a Lei 10.436/2002, estabelece a Libras

¹ Professora da Educação Básica, Professora do Ensino Superior, Avaliador Institucional e de cursos INEP, Mestra em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB lyedjasymea@gmail.com

² Professora da Educação Básica MestrE em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB matmelo@uol.com.br

³ Doutoranda em linguística PROLING/ UFPB, Mestra em linguística UFPB, Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Linguísticos Interacionais (NELIN) da UFPB, supervisora e gestora escolar do município de João Pessoa. fabiasena1@gmail.com

como língua materna no currículo do surdo e como segunda língua, a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, portanto, a aquisição da sua língua materna deverá ser condição necessária para que o surdo seja exposta a sua segunda língua, no caso do Brasil, a língua portuguesa. Por serem filhos de pais ouvintes, eles chegam à escola em desvantagem linguística, em comparação com os demais colegas ouvintes.

A Libras será a língua de instrução em todo o período em que a criança estiver na escola. O problema é que a criança encontrará uma escola que, na maioria das vezes, não está preparada para receber esse aluno surdo, pois além de adaptações estruturais e de recursos humanos e físicos para atender a sua necessidade, se faz necessário, adaptações curriculares, tendo em vista que se trata de uma outra língua.

O objetivo deste trabalho é mostrar um pouco da história da educação de surdos e a importância de libras na aquisição da linguagem por crianças surdas nos anos iniciais de suas vidas. É um processo que deve começar em casa, para que a criança ao chegar à escola consiga dar continuidade ao seu aprendizado tornando-se um adulto independente e capaz de levar uma vida normal.

A escola deve estar adaptada para acolher estas crianças e seus familiares. Isto tem sido uma preocupação, pois, são poucos os pais que entendem a importância de estarem presentes na educação da criança surda. Se esse pai for ouvinte, essa participação ainda passa a ter maior relevância. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) não se aprende sozinho, é preciso o contato com um falante nativo e fluente da língua para que aconteça uma boa assimilação.

Pinker (1994) afirma que a aquisição de uma linguagem normal é garantida até a idade de seis anos, é comprometida entre seis até pouco depois da puberdade, e é rara daí para frente, de acordo com o que se entende por período crítico. Isto comprova que quanto mais cedo à criança surda for exposta a um ambiente linguístico em libras mais fácil tornará o seu aprendizado.

Na região do Pajeú são poucos os surdos que tiveram a oportunidade de terem um acompanhamento adequado durante os anos de sua educação escolar, se é que tiveram. Essa realidade ainda permanece, pois a maioria das escolas municipais e estaduais não disponibilizam salas bilíngues e nem mesmo intérpretes de libras nas salas de aulas.

Com isso, os surdos passam a ser meros copistas ou são colocados em salas especiais, onde são excluídos das atividades direcionadas aos alunos ouvintes.

UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A história da educação dos surdos mostra que sempre houve uma resistência por parte da família e da sociedade sobre o uso da Libras. O II Congresso Mundial de Surdos-Mudos que ocorreu em 1880, em Milão na Itália, decidiu em votação que a melhor forma de educar os surdos seria pela forma oral, definindo o oralismo como única metodologia destinada ao ensino da população surda, com o objetivo de integrar o surdo no mundo dos ouvintes. A partir desta data, os surdos foram proibidos de usar a língua de sinais como meio de comunicação e com o argumento da necessidade de aprenderem a falar, foram expostos a severos métodos de fonoarticulação, treinamento labial e os que insistiam em utilizar a libras, tinham suas mãos amarradas e eram açoitados pela palmatória.

Passaram-se cem anos para que a língua sinalizada fosse aceita para educar os surdos. Em 1970, surgiu a comunicação total, uma metodologia que tinha como princípio o uso da língua oral e sinalizada que podiam ser usadas simultaneamente.

No ano 2000, adotou-se o bilinguismo como o meio mais eficiente para a educação de pessoas com surdez. O bilinguismo defende que a criança surda deve aprender a língua de sinais para que ela possa ser o canal de instrução das outras disciplinas.

Em 2002 foi aprovada a Lei 10.436, que reconhece a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio de comunicação e expressão da comunidade surda.

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.)

A aprovação desta lei foi um marco na história da comunidade surda brasileira e levou a mais duas conquistas significativas, à assinatura do decreto 5.626/2005 que regulamentou a lei de Libras (10.436/2002) e cinco anos depois a aprovação da lei que regulamentou a profissão do intérprete de libras (Lei 12.319/2010). É importante salientar o que a lei 10.436/2002, fala sobre a questão da inclusão:

Art. 2º - Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º - As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º - O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.)

A lei deixa bem claro que é dever do sistema educacional federal, estadual e municipal, habilitar seus funcionários para que possam atender as crianças com deficiência auditiva.

Língua ou Linguagem?

A sigla LIBRAS é a abreviação de Língua Brasileira de Sinais. Veja que é língua e não linguagem. Linguagem é tudo o que envolve significação, podendo ser humano (pintura, música, cinema), animal (abelha, golfinhos, baleias) ou artificial (linguagem de computador, código internacional de bandeiras). Fernandes define linguagem como “sistema de comunicação natural ou artificial, humano ou não” (Fernandes, 2002).

Língua é um conjunto de signos que é utilizado por uma comunidade para se comunicarem, podendo ser palavras ou sinais. As línguas estariam em uma posição de destaque entre todas as linguagens, por estarem organizados a partir de um conjunto de regras. Então, o correto é língua e não linguagem de sinais.

Diferente do que muitos imaginam a Libras não é universal. Cada país tem sua própria língua de sinais, seguindo uma gramática própria. Segundo Stokoe (1960), as línguas de sinais atendem a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

O que difere a língua de sinais da língua oral? A língua de sinais é espaço-visual, enquanto a língua oral é estabelecida através do canal oral-auditivo.

As línguas de sinais, apesar de apresentarem algumas formas icônicas, são altamente complexas. O uso de mecanismos sintáticos espaciais evidenciam a recursividade e complexidade de tais línguas. Sendo assim possível produzir expressões metafóricas (poesias, expressões idiomáticas) utilizando uma língua de sinais. (QUADROS, 1997)

Libras não é mero gestos ou mímicas mais sinais que seguem uma estrutura própria. Os sinais correspondem nas línguas orais às palavras ou item lexical.

Parâmetros para Formação de um Sinal

Agora vamos analisar os parâmetros necessários para formar um sinal em libras.

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

Segundo Ferreira Brito (1995), “são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal”. A configuração de mãos funciona como os fonemas (unidade sonora mínima) que, quando combinados com outros fonemas, formam a palavra.

LOCAÇÃO (L)

“É o espaço em frente ao corpo ou a uma região do próprio corpo em que os sinais são articulados” (Ferreira Brito, 1995).

MOVIMENTO (M)

Um sinal pode ter ou não movimento. “Pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal” (Ferreira Brito, 1995).

ORIENTAÇÃO MANUAL (OR)

“É a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para esquerda ou para a direita” (Ferreira Brito, 1995). Por exemplo, o verbo AJUDAR, com a orientação da palma virada para frente, significa EU-AJUDAR-VOCÊ, se for virada para o sinalizante, significa VOCÊ-AJUDAR-EU.

Expressões Não Manuais (Enm)

Referem-se aos movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Tem um papel importante para diferenciar sentenças interrogativas, afirmativas, negativas, de concordância, entre outras.

Estes são os parâmetros necessários para formar um sinal em Libras. Nem sempre é necessário que o sinal tenha todos estes parâmetros. Os principais parâmetros são: Configuração de mão (CM), locação e movimento.

Sinais Compostos

Os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical (Quadros, 2004). Semelhante a outras línguas é possível formar sinais

compostos na língua de sinais. Como exemplo têm-se IGREJA (casa + cruz) e ESCOLA (casa + estudar).

Sinais por derivação

Na língua de sinais pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento do sinal. Como exemplo temos, TELEFONAR (um movimento mais longo) e TELEFONE (dois movimentos curtos), SENTAR (um movimento) e CADEIRA (dois movimentos). “É o movimento que cria a diferença no significado entre os dois tipos de sinais (Quadros, 2004)”.

A ordem das frases

Tanto Felipe (1989) quanto Ferreira-Brito (1995) observaram que pode haver várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças em libras, mas que apesar desta flexibilidade uma é predominante, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto.

→ Sujeito – Verbo – Objeto (SVO)

Libras: PEDRO CONHECER COMPUTADOR (SVO).

Português: Pedro conhece o computador.

Outra maneira de formar frases consiste em colocar o tema principal no início da frase, fazendo em seguida um comentário sobre o assunto.

→ Objeto – Sujeito – Verbo (OSV)

Libras: <COMPUTADOR> PEDRO GOSTAR.

Português: De computador Pedro gosta.

→ Sujeito – Objeto – Verbo (SOV)

Libras: EU LIVRO PERDER.

Português: Eu perdi o livro.

De acordo com o que observamos libras não é simplesmente gestos aleatórios, mais dentro de um sinal existe uma variedade de comandos que seguem regras gramaticais próprias. O mesmo acontece na formação das frases.

O Ensino de Libras para Surdos

A criança com surdez não nasce sabendo libras. Por necessidade de se comunicar, ela acaba criando gestos, mímicas e alguns destes podem coincidir com um sinal de libras.

Algumas destas crianças são filhas de surdos fluentes em libras o que acaba sendo uma vantagem, pois esta criança se apropriará de libras como sua língua materna, criando uma identidade própria. O mesmo não acontece com crianças surdas filhas de pais ouvintes, chegam à escola com uma defasagem de conhecimento de mundo e um vocabulário muito limitado. Estudos comprovam que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas e divide-se em:

Período pré-linguístico – Petitto e Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvinte no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses). Elas perceberam que o balbucio ocorre em todos os bebês, sejam surdos ou ouvintes. Elas notaram que essa capacidade inata é manifestada não só através dos sons, mas também através dos sinais.

Nos bebês surdos, foram detectados duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Entretanto, a gesticulação não apresenta organização interna.

As autoras descobriram um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Tanto os bebês surdos quanto os ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio de desenvolvimento. Isto explica o porquê das crianças surdas balbuciarem oralmente até um determinado período.

As semelhanças encontradas sugerem haver no ser humano uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua.

Estágio de um sinal – O estágio inicia por volta dos 12 meses da criança surda e se estende até por volta dos dois anos. Petitto e Bellugi (1988) observaram que crianças surdas com menos de dois anos não fazem uso dos dispositivos indicativos do sistema pronominal das línguas de sinais. Crianças surdas com menos de um ano de idade, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece.

Estágio das primeiras combinações – Nas crianças surdas iniciam-se por volta dos dois anos. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada durante esse estágio é SV (sujeito-verbo), VO (verbo/objeto) ou, ainda, num período subsequente, SVO

(sujeito, verbo e objeto). Essa ordem é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Estágio de múltiplas combinações – Em torno dos dois anos e meio a três anos, as crianças surdas apresentam uma explosão de vocabulário. Lillo-Martin (1986) cita que nesse período começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre TELEFONE e TELEFONAR). O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é adquirido por volta dos cinco anos.

Os estudos mostram que quando as crianças surdas tem acesso a libras nos anos iniciais de suas vidas, principalmente por pais ou instrutores surdos, conseguem desenvolver uma linguagem sem qualquer deficiência. Neste trabalho iremos destacar o bilinguismo como a maneira mais prática e mais defendida pela comunidade surda para sua escolarização.

Bilinguismo, Como Método de Ensino

O método de ensino bilíngue, ou seja, em duas línguas (libras e português), tem sido o mais eficiente na escolarização de crianças surdas. No Brasil, o bilinguismo começou a ser estudado a partir da década de oitenta, implantado em algumas escolas nas décadas de noventa e é o método mais defendido pela comunidade surda atualmente.

Ferreira Brito (1995) salienta que a língua de sinais apresenta um papel central no processo educacional, pois essa será usada constantemente durante as aulas. A língua portuguesa será ensinada com ênfase na escrita, levando em conta que o canal de aprendizagem do surdo é visual.

A proposta bilíngue defende que as aulas sejam ministradas totalmente em libras por profissionais capacitados, pois, a língua de sinais sempre é adquirida mais rapidamente que a língua oral.

O ideal é que a criança surda seja inserida em uma sala bilíngue nos anos iniciais, isto evitará o atraso de linguagem e todas as suas consequências. A língua de sinais é vista como a grande saída para evitar os atrasos de linguagem, cognitivo e escolar.

A presença de surdos adultos é indispensável dentro de uma proposta bilíngue. A criança é recebida por um membro que pertence à sua comunidade cultural, social e linguística, possibilitando ter um referencial para criar sua própria identidade. A escola deve propiciar um ambiente para a criança desenvolver a linguagem e pensamento, facilitando o ensino de uma segunda língua, caso contrário, a criança surda não terá chances de apresentar um domínio satisfatório da língua portuguesa.

Svartholm (1998) indica que a única forma de possibilitar que os alunos com surdez possam dar significado aos textos é que ocorra uma interpretação ou associação ao mesmo conteúdo na língua de sinais.

O professor deve ter o compromisso de expor o texto na língua materna e na língua portuguesa na forma escrita e com isso fazer uma associação entre as duas línguas partindo sempre da língua de sinais. Svartholm (2003) menciona que os alunos com surdez devem ser inseridos num mundo linguístico o quanto antes e este ambiente poderá ocorrer por histórias infantis, músicas e brincadeiras sempre em libras.

É imprescindível que o professor faça uma avaliação do desenvolvimento de cada aluno surdo, para assegurar que se conheçam os avanços do aluno com surdez e para que se possa redefinir o planejamento, se necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo abordamos a importância do ensino da disciplina de LIBRAS no processo de aquisição da linguagem e na escolarização da criança surda. Percebemos que as crianças surdas tem a mesma potencialidade de desenvolvimento da criança ouvinte, quando exposta precocemente a língua de sinais. Vimos que a libras é uma língua semelhante às línguas oral-auditivas, tendo todos os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos, não sendo limitada, mas capaz de expressar qualquer sentimento necessário.

Quando é dada a criança surda à oportunidade de aprender libras, possibilitaremos que ela leve uma vida normal, sendo capaz de exercer sua cidadania. É importante que os pais de crianças surdas vejam a importância de estarem envolvidos neste trabalho desde os primeiros dias de vida da criança. Agindo assim, pais passam a compreender o filho e o filho passa a compreender os seus pais, estabelecendo uma relação comunicativa efetiva fortalecendo a relação pai e filho e possibilitando que essa criança seja incluída na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira.** Vol. I: Sinais de A a L. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001. p.17-25.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios.** 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA BRITO, L; LANGEVIN, R. **Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais.** n:

FISHER, S. & GOUGH, B. Verbs in American Sign Language. In: SLS 18. [s.l.,s.n.] p. 17-48. 1973

HOFFMEISTER, Robert James. Word order in the acquisition of ASL. Ms. Boston University. 1978.

<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>.

LILLO-MARTIN, D. C. Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan. 1986

PETITTO E MARENTETTE. **Babbling in the Manual Mode: Evidence for Ontogeny of Language.** In Science. V.251. American Association for the Advancement of Science, 1991

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: **Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language.** In *Cognition* Elsevier Science Publisher B.V. V.27. 1987

PINKER, S. (1994). *The language instinct.* New York: William Morrow.

QUADROS, Ronice M. & KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller & CRUZ, Carina Rebello. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação.* Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Editora Arte Médicas, 1997.

SVARTHOLM, K. **Aquisição de segunda língua por surdos.** Revista Espaço, junho 1998, 38- 45.

SVARTHOLM, K. **Döva och samhällets skrivna språk. Forskning om Teckenspråk XII.**
Stockholms universitet, Institutionen för lingvistik, 1984.